

Política sem resultados

Reza o chavão que contra fatos não há argumentos. No caso do episódio em que Luiz Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes se juntaram para pedir que o eleitorado produza ele mesmo o segundo turno da eleição presidencial, ocorreu o inverso. Não houve um só fato concreto que, se não tornasse incontestáveis, pelo menos corroborasse os argumentos em favor do pleito de ambos. Ficaram os eleitores, pois, diante de uma tarefa de difícil execução.

Em favor dos candidatos do PT e do PPS é preciso também que se diga que muito pouco restava a qualquer um dos dois fazer em matéria de produção de novidades políticas capazes de abalar o rumo desta eleição. Que evidencia o favoritismo de Fernando Henrique Cardoso, mas também não justifica a crença fundamentalista na impossibilidade de haver um segundo turno.

Ou, antes, não justificava. Agora que Ciro e Lula apareceram diante do país numa tentativa extemporânea de unidade depois de trocarem críticas pesadas, ficou a impressão de que reconheceram como verdades absolutas os números das pesquisas e que apenas fizeram um último gesto de desespero. Como Lula é dono de capital político e eleitoral bem maior que o de Ciro e já é conhecido pela totalidade dos eleitores, a cena só tem um beneficiário possível: o candidato do PPS.

Talvez tenha sido esse mesmo o objetivo do PT. Proporcionar palanque e exposição a Ciro Gomes a fim de que ele cresça uns pontos e, com isso, aumente as chances de haver segundo turno. Pode ser que do ponto de vista numérico a idéia até produza resultado. Mas no aspecto político a soma dos fatores resulta nula.

Pelo simples fato de que a oposição tenta agora de maneira atabalhoada consertar o erro cometido na origem das conversações entre a esquerda para o lançamento de candidaturas à presidência. As tentativas de unidade transformaram-se numa exposição de vaidades, numa luta pela supremacia de forças no campo da esquerda em tudo e por tudo injustificada, dado que todos na oposição sabiam como seria dura a batalha para vencer a hegemonia política e de opinião (pública e publicada) com que conta Fernando Henrique Cardoso.

O fato, e por isso os argumentos soam agora frágeis, é que tanto Ciro quanto Lula (não cabe aqui personalizar culpas) não conseguiram realmente firmar uma unidade nem que fosse aquela pela qual mantivessem ambas as candidaturas, mas deixassem claro ao eleitorado que lutavam no mesmo campo. Ciro sempre disse com todas as letras que seu adversário na campanha não era FH e sim Lula. E este tratou Ciro como mera quinta-coluna do inimigo.

É de se imaginar que o apelo de agora tenha sido dirigido àquele eleitorado que tende para Fernando Henrique de má vontade, por pura falta de opção. Ciro e Lula, então, pedem a esse pessoal que lhes dêem – a qualquer um dos dois, mais provavelmente a Lula – a oportunidade de dizer a que vieram numa segunda rodada onde as condições de tempo no horário gratuito e espaço de cobertura de imprensa são mais igualitárias.

Ora, mas se ambos deixaram bem claro que não se consideram mutuamente confiáveis do ponto de vista de concepção política e até administrativa, por que razão cumpriria ao eleitor a tarefa de lhes conferir essa confiança?

A providência da unidade ficou, por isso, sem filosofia e se houver segundo turno não se poderá creditar a ela, dada sua carência de conteúdo e o fato de ter sido feita na undécima hora. Cumpre lembrar, mais uma vez, o que se deu na Argentina, a propósito até da divulgação pelo PT de cinco pontos concretos a título de ações governamentais agora, a menos de uma semana da eleição.

Lá, a oposição divulgou seu programa mínimo no ano passado, dois anos antes das eleições presidenciais. Data do mesmo período a decisão de se firmar a unidade em torno da Frente País Solidário, a Frepaso, para enfrentar Carlos Menem em 1999. São dois anos e uma eleição parlamentar nesse meio tempo, o que denota a existência de estratégia. Aqui a oposição menosprezou o adversário, confiou que desejos expressos em discursos fortes se transformariam por si só em votos e não teve a prudência de evitar a reciprocidade nas desqualificações. Pode ser tarde para esta eleição, mas é o tempo certo para acertar o futuro.